

REVISTA PERIFERIA

Volume II, Número 2

DOSSIÊ ESPAÇO, CULTURA e EDUCAÇÃO

Apresentação

Silvia Pimenta Velloso Rocha, pelo Conselho Editorial

Este número de PERIFERIA traz algumas possibilidades de articulação entre espaço, cultura e educação. Dois artigos refletem sobre a importância do ambiente e do espaço físico no processo de aprendizagem.

Em "O ambiente de ensino do futuro - rompendo as amarras", Philip Long e Stephen C. Erhrman argumentam que as novas tecnologias não são (ou não devem ser) apenas instrumentos a serem incluídos num espaço escolar já dado, mas implicam reconsiderar a relação entre espaço e aprendizagem. E propõem substituir a "computação situada", de uso localizado e pontual, por uma "computação ubíqua", de uso flexível e "invisível": a tecnologia deve desaparecer.

No outro artigo, "Escola Aberta: conflito entre pedagogia(s) e arquitetura", Miguel Martinho busca compreender os motivos do aparente fracasso do projeto português das escolas em área aberta (das quais a Escola da Ponte é um dos exemplos mais conhecidos) e sustenta que uma nova pedagogia implica um novo uso e uma nova concepção do espaço.

Em "Comunicação, consumo e cidade: praças de alimentação dos *shoppings* do Rio de Janeiro", Ricardo Freitas e Vinicius Ávila partem da categoria de "não lugar" para pensar essa ilha encapsulada dentro da cidade: os contrastes urbanos, sociais, paisagísticos etc. do *espaço real* da cidade desaparecem no espaço climatizado e globalizado dos shoppings. Entre a Zona Sul e a Baixada Fluminense, como se constituem esses não-lugares?

"*Favela Tours*, uma análise etnográfica" coloca em questão não apenas o consumo **na** cidade mas o consumo **da** cidade. João Maia e Mariana Bispo (FCS/UERJ) analisam o fenômeno das *favela tours*. Trata-se de pensar o espaço do outro como objeto de consumo. Os autores procuram analisar o contraste entre a percepção dos consumidores deste novo "produto" (suas representações e

justificativas morais) e o das populações que são objeto desse “consumo” — em particular, na favela Dona Marta.

Em “O conceito de metrópole: filosofia e forma urbana”, David Cunningham procura investigar o urbano como conceito, não no campo da sociologia empírica sobre as cidades mas no campo da reflexão filosófica. Dialogando com algumas análises clássicas sobre a cidade (como as de Henri Lefebvre, Simmel e Walter Benjamin), procura investigar o conceito *formal* de metrópole, distinguindo-o dos estudos empíricos de caráter histórico ou sociológico e buscando sua especificidade com relação às formas urbanas anteriores, a *polis* e a *urbe*.

Em “Rádios Livres e Rádios Comunitárias no Brasil”, Mauro Sá Rego Costa faz um histórico do surgimento das rádios locais no país e propõe um diagnóstico político de suas configurações atuais. Nesse caso, o espaço é não somente o da frequência das ondas de rádio mas o das fronteiras nem sempre óbvias entre comunidade e comunicação. O autor sublinha que grande parte das rádios comunitárias atendem muito pouco às comunidades - controladas por grupos religiosos, pelo comércio ou pela política local. E entre as 30.000 rádios “ilegais” no ar, encontram-se muitas realmente comunitárias. Hoje, o movimento de comunicação popular ainda é potencializado pela rádio digital e por sites, blogs e redes sociais na internet.

Finalmente, Pedro Sanchez e Silverio González Tellez, em “Contiguidade e segregação sócio-espacial: a cidadania ameaçada em Caracas”, investigam de que modo a contiguidade espacial entre os bairros elegantes (urbanizaciones) e os bairros populares em Caracas geram uma dinâmica que alterna os registros da estrangeiridade e da proximidade. Entre o condomínio fechado e a favela ao seu lado, quais são os modos de sociabilidade comuns? Embora focadas na geografia urbana de Caracas, essas questões reportam-se, como sabemos, a um panorama comum a diversas cidades latino americanas.